

Uma proposta de escolarização da poesia no ensino médio a partir do cordel “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré

Eliane Cristina Testa*

Kathianne Carneiro Borges Carvalho**

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de Oficina Literária, baseada em uma sequência didática expandida (Cosson, 2014 [2020]), que visa a aprimorar o processo de leitura e de escolarização da poesia no Ensino Médio. Como *corpus* do trabalho selecionamos o cordel “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré. Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Como fundamentação teórica adotamos os seguintes autores: Candido (1988 [2017]), Cosson (2014 [2020]), Zumthor (1997), Lajolo (1982), Vitor Manoel de Aguiar e Silva (2007), Compagnon (2009), Rouxel (2012), Ferreira (1993), Hall (2006), Zilberman (2003), Foucambert (1994), Soares (2006), Alves (2008), Pinheiro (2008), Marinho e Pinheiro (2012). Utilizamos ainda algumas ideias de Franco e Testa (2017), Alves e Testa (2019), Feitosa (2001), Brandão (2009), Rojo (2004) entre outros. Como resultados, apontamos a perspectiva de que proporcionar vivências com texto de poesia na sala de aula ajuda a desenvolver competências leitoras e ainda conduz à uma efeti-

* Pós-doutorado com ênfase em etnopoesia, poesia Apinayé/Português, poesia indígena - PPGL/UFT (2019-2020). Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP ? 2015). Mestrado em Letras pela (UEL/PR ? 2002). Professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins /UFT/ Câmpus de Araguaína. Atualmente, atua no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL - UFT) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras ? UFT). Tem experiência na área de Letras, Literatura, com ênfase em literatura e ensino, poesia e ensino, literatura e outras mídias. Atuando principalmente nos seguintes temas: poesia, poesia e ensino, relação palavra e imagem, letramento literário, leitura literária. Atualmente tem pesquisado e desenvolve trabalhos sobre etnopoesia, poesia indígena, geopoesia. Faz parte do grupo de pesquisa LES (Linguagem, Educação e Sustentabilidade) e do grupo de pesquisa Guarda-chuva: crítica polifônica (geopoesia). Poeta com livros publicados e artista visual (colagista). (Texto informado pelo autor). E-mail: poetisalia@gmail.com

** Possui Mestrado em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT - Araguaína).. Especialização em Avaliação Escolar em Língua Portuguesa como também em Gestão Educacional e Metodologias de Ensino. Graduada em Letras pela Universidade do Tocantins (2004). Atualmente é professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio - Secretaria da Educação e Cultura do estado do Tocantins e também é professor de Nível Superior do Curso de Letras na Universidade Estadual do Tocantins - UNITINS. E-mail: kathiannebcarvalho16@gmail.com.br

Data de submissão: mar. 2022 – Data de aceite: maio 2022

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v18i1.12541>

vação do letramento literário. Além disso, o poema de Assaré oportuniza a compreensão simbólica, social e psíquica da literatura de cordel e também traz à luz o conhecimento da cultura nordestina em diferentes perspectivas.

Palavras-chave: Escolarização da poesia; Literatura de cordel; A morte de Nanã; Patativa do Assaré; Oficina literária no ensino médio.

Considerações iniciais

A Literatura de Cordel
transmite não só o
aprendizado, mas também
os versos que cada ser
humano necessita em seu
coração.

Ezequiel Alcântara Soares

Na literatura nos deparamos com uma organização interna e rica frente aos diferentes e possíveis significados disponíveis ao(s) leitor(es) para sua análise, compreensão e interpretação. Os textos literários em suas especificidades carregam consigo uma estrutura única que contribui para a construção de significados e de transmissão de informações específicas para cada objetivo comunicativo.

Diante desse fato, poderíamos levantar as seguintes questões: Enquanto escola, que mediações são possíveis realizar entre o leitor e a literatura de cordel nas atividades que enfocam o letramento

literário em sala de aula? O que é possível alcançar com a escolarização adequada da poesia? Em busca de algumas respostas possíveis discutimos, neste artigo, aspectos importantes da prática pedagógica com o texto de poesia e, mais especificamente, com os folhetos de cordéis, no Ensino Médio. Além disso, este trabalho tem como objetivo dar suporte à prática dos professores, podendo se agregar às suas experiências no processo de mediação para a formação leitora e no aprimoramento do letramento literário.

Uma das questões observadas na escola é o distanciamento entre a leitura literária e a poesia, principalmente, a poesia cordeliana. Raramente, a literatura de cordel tem feito parte dos momentos de leitura e de formação do aluno(a) leitor(a) em alguns casos podemos afirmar que é uma atividade praticamente inexistente. Isso pode ocorrer, talvez, pelo fato de esta poesia popular não ser tão difundida nas escolas, tal como a literatura mais canônica, ou, quiçá, por uma questão de dificuldade de acesso aos folhetos de cordel, ou, ainda, porque os próprios professores não se deem conta da riqueza desse tipo de texto como fonte imprescindível para a formação de um leitor crítico e mais humanizado, principalmente, por representar um espaço de resistência e, muitas vezes, de contundentes críticas sociais.

Sendo assim, este artigo traz uma reflexão da prática pedagógica com o

uso da poesia de cordel no Ensino Médio, destacando a importância da leitura literária na formação desse público. À vista disso, ressaltamos que a proposta da Oficina Literária tem como eixo principal a literatura de cordel, uma vez que acreditamos que a poesia, pela linguagem utilizada e os assuntos abordados, consiga de forma mais rápida, aproximar desse universo, alunas e alunos. Por isso, o texto de cordel, com a exploração de fatos ou de assuntos do cotidiano, pode representar um rico contributo para a formação leitora, principalmente ao lidarmos com diferentes níveis de leitores na escola ou, ainda, com leitores em pleno processo de formação. Além disso, este trabalho evidencia uma possibilidade de escolarização da poesia de forma mais dinâmica, mobilizada por estratégias de leitura e de escrita.

Entende-se que a literatura de cordel, como recurso para a formação da alun-leitora ou do aluno-leitor, está ligada às suas marcas inter e extra textuais. O cordel, por ser uma literatura popular, pode proporcionar uma aproximação mais rápida do texto literário. No entanto, o fato de ser originalmente uma produção popular não retira do cordel seu valor enquanto produção literária, pois vemos uma riqueza de imagens, de ritmos, de oralidade e de singularidades no uso da linguagem e da estrutura formal, que contribuem tanto para o processo de escolarização da poesia, como para a

exploração da leitura oral, como afirma José Helder Pinheiro Alves (2008, p. 34):

Defende-se a idéia de que é necessário levar às crianças e aos leitores em geral um pouco da riqueza da poesia popular, a partir de uma metodologia que privilegie sua realização oral.

Diante disso, a literatura de cordel com as suas particularidades literárias acaba por contribuir para a formação do leitor literário e para o letramento literário. Como afirmamos acima, o cordel está mais próximo dos temas do cotidiano. Às vezes, retrata fatos da realidade, ora com uma certa comicidade, ora com uma aguda crítica social. Além disso, a literatura de cordel é potencializada, também pela questão da oralidade e essa marca acaba por “fisgar” o leitor, atraído por uma escuta sensível de ritmos, de sonoridade e de rimas, que podem reverberar nas memórias de sua fase adulta.

À vista disso, esse engajamento da poesia de cordel na sala de aula pode, ainda, desencadear nesses jovens estudantes uma maior criticidade especialmente, frente aos diferentes problemas sociais que temos, num país de proporções enormes como o Brasil. Sendo assim, a literatura de cordel ajuda na construção da autonomia leitora de alunas e alunos e, juntamente com o desenvolvimento da capacidade crítica, constrói no(a) leitor(a) uma capacidade emancipatória.

Metodologicamente, é um trabalho qualitativo e bibliográfico. Como fundamentação teórica adotamos os seguintes autores: Candido (1988 [2017]), Cosson (2014 [2020]), Zumthor (1997), Lajolo (1982), Vitor Manoel de Aguiar e Silva (2007), Compagnon (2009), Rouxel (2012), Ferreira (1993), Hall (2006), Zilberman (2003), Foucambert (1994), Soares (2006), Alves (2008), Pinheiro (2008), Marinho e Pinheiro (2012). Esses textos teóricos ajudam a fundamentar, (por ocasião das) nossas reflexões sobre o letramento literário, a formação do leitor e o papel da literatura, contribuindo, desse modo, na discussão das implicações da prática pedagógica na sala de aula. Além dos autores já citados, utilizamos algumas ideias de Franco e Testa (2017), Alves e Testa (2019), Feitosa (2001), Brandão (2009), Rojo (2004), entre outros.

Desse modo, os textos de cordel, enquanto artefatos da cultura popular do Brasil, tornam-se objetos de análise na sala de aula. Consequentemente, as Oficinas Literárias possibilitam uma prática pedagógica mais atenta voltada à compreensão dos diferentes aspectos socioculturais presentes no cordel, em que também não se desconsideram, as estruturas estético-literárias e imagéticas, frente à construção de sentidos do texto cordeliano. No contexto da sala de aula, podemos traçar um paralelo entre ficção e realidade, propondo também a

escrita de cordéis a partir de processos de leitura e de releituras de cordéis já existentes.

Sendo assim, a Oficina Literária apresentada neste trabalho baseia-se nas estratégias da sequência didática expandida, proposta por Rildo Cosson (2006 [2020]), que envolvem as seguintes etapas: (i) Motivação; (ii) Introdução; (iii) Leitura; (iv) Interpretação; (v) Contextualização; e (vi) Expansão.

Nesse processo, os estudantes do Ensino Médio podem ser conduzidos à uma conexão entre seus conhecimentos de mundo e aquilo que se lê. A partir das inferências textuais e das leituras feitas nas entrelinhas, que também envolvem sentimentos e sensações, muitos questionamentos podem vir à lume. Assim, a leitura realizada em sala de aula ajuda na construção de chaves-de-leitura ao redor das quais gravitam a identificação das principais ideias do texto.

Destacamos ainda que texto e contexto não se separam. Desse modo, a reconstrução do texto por meio da leitura implica olhar suas principais informações em sentido bastante amplo. Também ressaltamos que as impressões de leituras de alunas e alunos devem ser consideradas, incentivadas e valorizadas. Por isso, as possibilidades de construção de sentidos do texto acabam por ajudar na aquisição e na expansão do conhecimento e dos saberes.

A leitura literária: aquisição de novos saberes

Para discutir a formação do leitor literário, é importante refletir que esse processo deveria começar na infância, em casa e em consonância com a escola. Ambos espaços têm papel fundamental na construção de um leitor literário. Lembremos que a trajetória desse leitor pode ser marcada por fases diferentes e, para que ele se torne competente e crítico, necessariamente, haverá empenho da sua parte e mediação de leitura (mediação leitora?). Sobre a leitura, Mariza Lajolo (1982) salienta que o processo de ler:

[...] não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO 1982, p. 59)

Nesse sentido, como elucida a autora, ler é atribuir significação, propor relações e conexões entre textos. Por isso, ler também é, de algum modo, reler propondo imprevistas significações. Além disso, a leitura literária leva em consideração a experiência leitora dos sujeitos, e essas podem estar em sintonia com as suas práticas existenciais, como defende Vitor Manoel de Aguiar e Silva (2007, p.69): “[...] a compreensão do mundo e a compreensão de si podem ser enriquecidas

através da leitura”. Também Ezequiel Theodor da Silva e Regina Zilberman (1990), salientam a ideia de sair de si para romper o silêncio, agindo de maneira crítica e consciente, pois

[...] há que se ler literatura para romper o silêncio, desentrevando, aceitando e retroalimentando os sentimentos e a inteligência do mundo (SILVA e Zilberman, 1990, p. 24).

A prática da leitura literária procura explorar competências por vezes encobertas pelas arbitrariedades dos sistemas discursivos padronizados da sociedade letrada. Por essa exploração, o mundo é reconstruído pela força da palavra, construindo um modo próprio de conhecê-lo e, desse modo, compreendê-lo e transformá-lo. Nesse sentido, a leitura literária “[...] dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p.36).

Para o/a leitor(a), no contato com o texto literário, é ofertado uma amplidão de conhecimentos capaz de torná-lo um ser mais rico humana e culturalmente. A literatura amplia a consciência humana. E essa humanização do sujeito por meio da literatura é explicitada por Antonio Candido (1988 [2017]) da seguinte forma:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2017, p.182)

Desse modo, como defende o autor, a literatura abre espaço para uma transformação dos sujeitos a partir de diferentes processos psicossociais. Além disso, as alteridades (o outro) estão muito em jogo na leitura literária. Ademais, sabemos que a literatura é um fenômeno complexo e, quando explorada de forma apropriada, possibilita aos leitores uma organização de ideias e um afloramento de emoções que os levam a adentrar (em) um mundo que não é somente o seu.

Outrossim, como ainda assevera Candido (2017, p. 179):

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa.

Essa articulação do texto literário é também um fenômeno complexo que abre espaço para vivermos muitas possibilidades, experimentando com ele, diferentes modos de existir, porque “[a] organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o eleva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo” (CANDIDO, 2017, p. 179). Nesse sentido, com a literatura conseguimos uma outra capacidade de organização psíquica e social.

A leitora e o leitor quando participam ativamente do fenômeno literário podem sair em busca de um sentido escondido no texto, mergulhando em um mundo submerso em palavras, trazendo à tona diferentes sensações e sentimentos, às

vezes, até mesmo inusitados. De acordo com Cosson (2020, p.17):

[...] no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

À vista disso, a literatura proporciona experiências de alteridades, concomitantemente com um mergulho mais profundo que podemos fazer em nós mesmos.

A construção de sentidos para uma compreensão dos textos literários corresponde à construção de significados que levam em consideração a relação com outros textos. Assim, quanto maior for o acesso a textos diversos, maiores serão as possibilidades de realizarmos conexões na leitura. Nesse contexto, se faz necessário estabelecer uma relação com os diferentes autores, de diferentes épocas ou não, com as mais variadas produções e estilos literários.

Então, em busca da construção de sentidos, o texto literário passa a ser o eixo principal para a compreensão e a formação de um leitor crítico, capaz de relacionar o que foi lido com o mundo que o cerca. O leitor literário, ao construir suas experiências de mundo por meio da literatura, cria um universo ficcional cheio de imagens mentais e “verdades” ficcionais, que podem fazer parte do seu próprio mundo. Vejamos, a seguir, o que salienta Annie Rouxel (2012):

[...] [p]ara isso, convém incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetivável, mas de **acolher os afetos dos alunos e de incentivá-los na descoberta de dilemas pessoais na leitura**. (ROUXEL, 2012, p. 281 [grifo nosso]).

Dessa maneira, como defende a autora, devemos sempre considerar o que a/o jovem estudante exprime, exteriorizando seus afetos e suas impressões de leitura. Além disso, como professores precisamos atentar, na sala de aula, para a mediação de leitura, de modo a realizá-la da melhor forma possível. Por isso, é necessário sempre considerar o ritmo (e as fases de leitura) de cada leitor; não somos leitores acabados: nos tornarmos leitores literários a partir de um exercício constante e/ou progressivo, nunca dentro de um movimento pronto e acabado.

Por isso, o amadurecimento da aluna e do aluno demanda considerar os respectivos percursos de leitores. Na escola, a leitura literária abarca desde a fase infantil até a adulta, e, à medida que os estudantes crescem, os textos vão se modificando, de modo especial, quanto à extensão, aos temas abordados e à complexidade na leitura. Textos mais longos e complexos são mais inseridos na fase da adolescência e da juventude e, conseqüentemente, novas habilidades

são alcançadas diante de cada leitura realizada.

Literatura de cordel: a poesia popular e a disseminação da cultura popular

O cordel tem origem ligada às poéticas da oralidade, segundo explicita Jerusa Pires Ferreira (1993, p. 14):

[...] rumo às poéticas da oralidade, que naturalmente incluem [...] um tipo de literatura, correntemente denominada como “de cordel” [grifo mantido do original].

As produções da oralidade e os versos populares dos folhetos, segundo salienta Ferreira (1993, p. 15): “[...] se apoiaram em textos de prestígio de vários tipos”. Assim, da oralidade à escritura

Ultrapassou-se o conceito de intertexto, partindo para o de contra-texto, denominação proposta pelo mestre romeno Mikhail Popp (FERREIRA, 1993, p. 15).

No entanto, independentemente da complexidade que envolve as origens do texto em cordel, dois pontos se destacam nessa produção no Nordeste Brasileiro, suas práticas como repertório cultural e literário profuso, e o fato de ser “[...] o próprio folheto que é memorizado” (FERREIRA, 1993, p. 16).

A popularização dos versos em folhetos tornou possível legar à humanidade uma vastíssima documentação de textos

poéticos populares em forma de cordel, que ora são cantados, ora memorizados e performados. Sendo, assim oralidade e memorização são recursos implicados nas produções dos poetas cordelistas que contribuem com toda uma literatura popular. Paul Zumthor (1997), afirma que:

[...] ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas. E ainda é mais difícil pensá-las em termos não-históricos, e especialmente nos convencer de que nossa própria cultura delas se impregna, não podendo subsistir sem elas (ZUMTHOR, 1997, p. 10)

Sendo assim, as tradições orais, as produções populares que implicam questões de oralidade e de performance oral dinamizam e enriquecem uma pluralidade de produções literárias que circulam em todas as épocas, a exemplo dos folhetos ibéricos que passaram a representar uma documentação de histórias populares e de registros de fatos e de acontecimentos sociais. Segundo Zumthor, uma obra mantém-se viva por séculos pela sua transmissão oral e pela sua tradição oral (ZUMTHOR, 1997). O mesmo, poderíamos dizer dos folhetos que floresceram (e florescem até hoje) no Nordeste Brasileiro. Por isso, a poesia popular continuou desempenhando seu papel social e literário.

O cordel apresenta este caráter de facilidade de memorização. A presença do ritmo, das rimas e da musicalidade

na formação do texto cordeliano são aspectos da oralidade. Os cantadores evidenciam a memorização de muitos textos populares que são muitos disseminados, principalmente pela cultura local.

Quanto à definição de poesia popular, Aguiar e Silva (1988, p. 116) asseveram que ela representa um tipo de:

[...] modo espontâneo e natural, na sua profunda genuidade¹, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico.

Nesse sentido, a poesia popular de cordel traz em seu bojo uma modalização psíquica (coletiva ou não) e singularidades de processos culturais. Também por causa das suas características e peculiaridades, a poesia popular alcançou diferentes leitores que fortaleceram sua disseminação.

De acordo com Stuart Hall (2006, p. 237),

[...] o significado [de popular] que mais corresponde ao senso comum: algo é 'popular' porque as massas o escutam, compram, leem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente.

Nessa lógica apontada pelo autor, a proliferação da poesia de cordel expandiu-se, ganhou corpo e camadas, e tornou-se a mais amplamente divulgada produção característica do povo nordestino. No entanto, oriunda do Nordeste brasileiro essa produção vai alcançar outros espaços do Brasil.

Breve apresentação do cordel “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré

Patativa do Assaré foi um grande cordelista e repentista brasileiro, que representa profundamente a cultura popular nordestina. Suas produções são dotadas de uma linguagem simples, porém rica, e seus textos populares retratam, principalmente, a vida sofrida do povo brasileiro. Além disso, por abordar uma visão crítica da situação vivenciada pelo povo sertanejo, o autor recebeu o título de “Poeta social”. A poesia de Assaré na obra *Digo e não peço segredo*, organizada por Tadeu Feitosa (2001) foi definida da seguinte forma:

A poesia de Patativa é como as veredas e picadas do sertão. Tem rastro de gente, de gado, de bode, de preá, de tatu, só não tem pegadas de caiporas, duendes, almas penadas, cousas do outro mundo. Sua poesia é de um realismo cruciante. Não tem metáforas, tropos, estilizações beletristas, erudição livresca como a de certos cantadores. Suas imagens são naturais, colhidas da terra como o milho, o feijão, a batata que ele planta nos seus roçados (FEITOSA, 2001, p. 15).

Nesse sentido, a poesia produzida por Assaré é atravessada de um “realismo cruciante”. O poeta-cordelista, em seus versos de grande criatividade, também evidencia muitas denúncias sociais. Assim, entre as imagens que o poeta ilumina, como a terra e a natureza que germina e sustenta o povo, temos a forte presença da crítica social.

Assaré ainda utiliza um esquema métrico marcado por rimas e garante a musicalidade do poema. Vejamos, a seguir, a primeira estrofe do cordel “A morte de Nanã”, de Assaré:

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistência
O que mais amou na vida.

(Patativa do Assaré. In: FILHO, Marcos Nunes, Blogspot, s/p, 2015)

Observamos que por meio de versos heptassílabos (de redondilhas maior ou versos de sete sílabas poéticas) a linguagem apresenta muitas marcas da oralidade. Ressaltamos que o referido poema é composto, na íntegra, de vinte e uma estrofes e cada estrofe está estruturada em dez versos. O poeta utiliza sua capacidade artístico-literária para manifestar as riquíssimas expressões da cultura popular do Nordeste brasileiro.

O cordel “A morte de Nanã”, de Assaré, evidencia uma crítica social contundente apontando a situação da seca que, ainda, assola a vida de muitas

famílias, principalmente, no Nordeste brasileiro. Para Maria do Socorro de Oliveira Brandão (2009, p.13) a intenção do poeta é:

[...] sensibilizar o seu público ouvinte/leitor para a impunidade de crimes bárbaros silenciados e banalizados sem constrangimento. Descrevendo cenas de horror da fome na seca de 32 dramaticamente experiência no interior de sua arte-poética, o poeta revela com maestria e sensibilidade o contextual drama da “vida e morte severina” de uma certa Ana da Silva, que Patativa do Assaré acaba por assumir a paternidade em sua plenitude total, **fundindo realidade e poesia no canto popular**, de acordo com as três primeiras estrofes de “A morte de Nanã”. (BRANDÃO 2009. p, 13 [grifo nosso])

Sendo assim, a temática desenvolvida pelo poeta é carregada de diferentes sentimentos que o comovem diante da cena trágica, triste e revoltante. Ao descrever a triste experiência vivenciada, os versos construídos por Assaré deixam transparecer a sensação de impotência, de dor e de indignação. A menina que aos poucos desvai pela falta de comida, pela desnutrição e pela desigualdade social é a representação de muitas outras crianças do nosso país, que não sobrevivem diante da triste e cruel realidade. A seguir, vejamos mais duas estrofes:

E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem lua,
Eu vi crescê meu desgosto,
Eu vi crescê meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança
E quando vêi o rompê
Da linha e risonha orora,
Fartava bem pôcas hora
Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu a minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Com o rosto seu moiado
Das água do amô materno.

(Patativa do Assaré. In: FILHO, Marcos Nunes, Blogspot, s/p, 2015)

Ao lermos as duas estrofes, percebemos que Assaré utiliza sua voz poética para falar do sofrimento causado pela morte “Pra minha Nanã morrê” e da situação de desigualdade social e do abandono sofrido pelos sertanejos. No verso “que o rico nunca assistiu”, é possível compreender a indignação do poeta pela falta de empatia do ser humano diante da dor, da miséria, da fome que assola muitas famílias. No entanto, mesmo

diante de tanta desumanização e desca-
sos, Assaré, ainda, acredita em Deus e
na mudança de postura do ser humano,
e, por meio de sua poesia vai:

[...] rompendo as barreiras do pensamento
humano, desconstruindo crenças e cren-
dices, desfazendo os nós de superstição e,
acima de tudo, abrindo caminhos e veredas
do sertão. (BRANDÃO, 2009, p. 13)

Oficina literária: o cordel de Patativa do Assaré, “a morte de nanã” no processo de escolarização da poesia

A literatura de cordel, além de pos-
sibilitar um contato com a prática da
linguagem oral, ainda amplia no aluno
um vasto conhecimento de mundo. Por
abordar em seus temas uma riqueza
abrangente sobre o mundo à sua volta,
ela auxilia no processo de letramento
literário. Sobre a presença da literatura
de cordel em sala de aula, Leomar Alves
de Sousa e Eliane Cristina Testa (2019)
ênfaticamente as diferentes possibilidades de
expansão de novos conhecimentos pelo
contato/convívio dos estudantes com os
textos cordelianos. Vejamos, a seguir, o
que comentam os autores:

Lembrando que os cordéis comumente são
produzidos pelo emprego da métrica, afetan-
do diretamente a recepção dos alunos que
têm suas sinestesias aguçadas. Além disso,
o contato do estudante com o cordel pode

potencializar o trabalho com a linguagem,
pois diferentes aspectos linguísticos estarão
em jogo no cordel e cabe ao professor desen-
volver estratégias metodológicas para que o
aluno acione a língua de um modo mais vivo
e agradável. (SOUSA e TESTA, 2019, p. 124)

Nessa perspectiva, a proposta da Ofi-
cina Literária foi elaborada a partir de
algumas competências necessárias favo-
recem a escolarização da poesia no Ensino
Médio. O que se pretende neste texto é que
essas estratégias pedagógicas venham
contribuir com as/os professores no ensino
da literatura. Assim, para melhor eviden-
ciar as estratégias pedagógicas adotadas,
apresentamos os passos da sequência
expandida, baseada em Cosson (2008),
mas destacamos que as etapas podem ser
adaptadas às diferentes realidades e/ou
particularidades da sala de aula.

Motivação: uma viagem à região nordestina

Um ponto que deve ser levado
em consideração é a escolha criteriosa
dos folhetos e dos temas a serem discu-
tidos na sala de aula. Os textos devem
ser selecionados de forma que sejam
significativos para a formação de um
leitor crítico e mais humanizado. Para
Zilberman (2003, p. 26): “[...] é necessário
que o valor por excelência a guiar esta
seleção se relacione à qualidade esté-
tica”. Salientamos que essa qualidade
estética do texto é a ponte para que a/o
estudante possa se sentir motivado na

busca de ampliar sua trajetória leitora, que é permeada de novos conhecimentos.

Além disso, o processo de leitura deve ser envolvente e fazer sentido para os estudantes. Nesse intuito, é necessária uma mobilização dos conhecimentos prévios para o início do entrosamento entre o leitor e o texto. O ato de ler, segundo assevera Jean Foucambert (1994, p.5) “[...] significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita”. Portanto, este passo de motivação é realmente necessário para o início da construção do processo de leitura e de estímulo que favorece o interesse pelo texto de literatura.

A proposta sugerida, por nós, é que o professor leve para sala de aula um mapa da região Nordeste, para que as/os estudantes em grupo elaborem um roteiro de viagem escolhendo algumas cidades por onde possam passar ou ir “virtualmente”. Depois, os grupos podem destacar os pontos mais relevantes das regiões, justificando as suas escolhas. Logo em seguida, é proposto que haja uma socialização dos roteiros de viagem. O objetivo dessa atividade é levar a/o estudante a construir um conhecimento mais profundo sobre a cultura nordestina.

Para Cosson (2020 p. 55): “[...] as bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem **laços estreitos** com o texto que se vai ler a seguir” [grifo nosso]. Portanto, conhecer mais sobre o berço da literatura de cordel, contribuirá

no momento de relacionar algumas informações com o texto de Assaré. Assim, compreender melhor a riqueza da cultura popular, ou das produções artísticas da região do Nordeste, e, também, algumas das dificuldades enfrentadas pelos sertanejos favorecem engendrar diferentes conexões na hora da leitura.

Introdução: conhecer obra e autor

O processo de comparação de capas de livros é a porta de entrada para aguçar o interesse das/dos estudantes. Por isso, deve-se explorar todos os recursos visuais de uma capa. Por exemplo, as capas dos folhetos trazem elementos importantíssimos para a compreensão dos textos que serão lidos. Essa etapa levará alunas e alunos a experimentar um contato com a linguagem verbal e não verbal, podendo ser feita uma relação de sentido entre texto e imagem. A capa de um livro pode nos proporcionar uma grande atração; podendo fazer com que nós nos movamos até a leitura de uma obra. Mas, para além disso, a capa de um livro, também tem a função de apresentar aos leitores informações relevantes, como título, autor(es), veículos de circulação, data de produção etc. Assim, a capa e/ou as ilustrações (caso haja), podem ajudar no desenvolvimento dos multiletramentos, que de acordo com Roxane Helena Rodrigues Rojo (2004, p. 31):

[...] significa que compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal oral e escrito, mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido. (ROJO, 2004, p.31)

Nesse processo, o letramento visual e/ou os multiletramentos são modos importantes no processo de leitura. Por isso, a combinação da visualidade nas capas dos folhetos pode ampliar as possibilidades interpretativas, especialmente, à medida que o leitor consegue fazer conexões entre os conteúdos verbais e não verbais.

Para Flávia Felipe Silvino (2012), o letramento visual representa a construção de efeitos de sentidos no texto através do uso de imagens, ou seja, os textos construídos com base na linguagem não verbal, ou mesclados com escrita e imagens, podem favorecer aos leitores a capacidade de interação com diferentes linguagens e, conseqüentemente, construir significados múltiplos.

Desse modo, as imagens dos folhetos de cordel trazem uma riqueza própria, e ainda podem apontar para os diferentes aspectos culturais da cultura nordestina. Com a xilogravura é possível alcançar um público diversificado: seu maior objetivo é chamar a atenção dos leitores para refletir temas do cotidiano e do imaginário do povo nordestino. As manifestações culturais descritas na xilogravura apresentam a narração de histórias em que as camadas popula-

res refletem diferentes manifestações emancipatórias com o objetivo de divulgar a cultura popular em sua integridade. Diante disso, compreender os sentidos expressos pela xilogravura não apenas fortalece o processo de ensino da literatura, mas também aprofunda o letramento visual e possibilidades de ampliar as leituras.

Roda de leitura: a leitura do poema “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré

A prática da leitura literária possibilita aos estudantes alcançar mais conhecimentos e competências de letramentos literários. Lembremos que a sociedade é centrada no mundo letrado e a literatura reconstrói a força da palavra, e a palavra poética, por sua vez, pode transformar as crenças e valores da sociedade. Portanto, precisamos atentar para a melhor forma de realizar a escolarização da poesia. Sobre o processo de escolarização da literatura corroboramos o pensamento de Magda Soares (2006, p.47), quando explicita que:

[...] adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar [...].

Nesse sentido, , além de pensar na formação do leitor, se faz necessário

adotar uma escolarização que dê conta de inserir os diferentes contextos sociais na escola.

Embora fazer tal aproximação não seja uma tarefa fácil, o processo de escolarização da literatura precisa se libertar da leitura monótona ou mecânica, para se tornar algo mais próximo da realidade e/ou vivência dos alunos. Márcio Araújo de Melo e Luiza Helena Oliveira da Silva (2018, p.31) salientam que:

[...] uma aula de literatura - que tenha o objetivo de formar leitores literários - **não pode ser feita sem a presença do texto literário** como recurso essencial para formação desses leitores” [grifo nosso].

Por isso, o texto deve estar sempre presente nas práticas leitoras: seja o texto do livro impresso, seja aquele disponibilizado através de diversos meios tecnológicos, como os da tela dos celulares, por exemplo. Mas a presença do texto na sala de aula é ferramenta imprescindível para as aulas de literatura.

A literatura de cordel, por conter marcas da oralidade, pode ajudar a tornar mais produtivos os momentos de rodas de leitura, em sala de aula. Mesmo que a leitura oral (a *performance* leitora) não seja algo fácil de se realizar, entendemos que esse momento é de suma importância para um contato mais profundo com o texto, com seu ritmo, rimas, sonoridades e para com a linguagem empregada. Assim, destacamos que o folheto de cordel

na sala de aula, precisa ser performado, pois quando ele é lido em voz alta pode potencializar diferentes vivências, sensações e emoções, como defende Pinheiro (2007, p. 39):

A sala de aula nos parece bastante adequada para vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

Desse modo, a leitura em voz alta na escola deve ser intensificada. Então, cabe aos professores ajudar nesse processo de leitura em voz alta, ensinando aos estudantes imitação de voz, expressão das palavras e possibilidades de jogos de vozes. Nesta etapa de roda de leituras, pode haver múltiplos intercâmbios para a realização da *performance* oral. De acordo com Vera Maria Tietzmann Silva (2009):

[...] com o texto em mãos, os leitores acompanham a leitura de um guia (normalmente o professor), que vai lendo em voz alta, transferindo para a voz as intenções do texto, demorando-se em explicações nas passagens mais sutis, chamando a atenção para os recursos estilísticos utilizados. Em outras palavras, ele vai desvendando junto com os leitores as entrelinhas do texto. Esse tipo de leitura prepara o leitor para uma leitura autônoma. Em turmas já mais treinadas, ou naquelas em que alguns alunos se destacam pela leitura expressiva, o professor pode alternar a leitura com esses alunos, interferindo apenas com os comentários que forem necessários (SILVA, 2009, p. 30)

Dessa maneira, como aponta a autora, é preciso que haja “treino” das/dos

estudantes e o/a professor(a) pode se engajar efetivamente no processo de uma leitura oral mais expressiva. Por isso, existe todo um processo de preparação da leitura em voz alta, que implica tempo e dedicação, e que ajuda na construção mais autônoma da *performance* leitora, como salientam Franco e Testa (2017, p 210):

O professor como um mediador, não pode deixar escapar a “dicção” da poesia e seus critérios de trabalho devem considerar esta forma de expressão.

Assim, a voz da poesia de cordel possibilita as mais diversas formas de interação entre leitor e texto.

A roda de leitura em sala aula é um momento de interação positiva entre os jovens estudantes e consegue mobilizar possibilidades de (con)vivências; abrindo espaço para escutas e falas. Este é um momento em que podemos prestar mais atenção em nós mesmos e no outro, promovendo uma benéfica compreensão do significado da alteridade. Por isso, esse momento torna-se muito favorável para o processo de letramento literário, além de desencadear uma atitude de respeito ao escutar os diferentes tipos de interlocutores, o que é fundamental para que aconteça esse processo de trocas/interações (PORTO, 2009).

Interpretação e contextualização na construção dos sentidos do texto

Ao refletirmos sobre o(s) texto(s) apresentado(s) nos momentos de leitura, temos a oportunidade de dialogar com o outro e/ou de conhecê-lo com maior profundidade. Por meio da interação com o outro (e no exercício de ouvi-lo) somos levados a construir o nosso próprio texto, de modo que consigamos confrontar as ideias alheias com as nossas próprias. Sendo assim, ressignificamos o ato da leitura e potencializamos a escolarização literária (na escola). A palavra, a fala nas trocas orais vão se amplificando e reunindo diferentes vozes.

Para a etapa da interpretação, pode-se utilizar a estratégia de identificar no texto as passagens que mais sensibilizam as leitoras e os leitores. Depois, a/o estudante poderá escrever um breve depoimento, no qual expressa e justifica suas escolhas. Esta etapa implica um contato direto com o texto e requer leituras individuais e impressões de leituras. Ademais, lembremos que a escrita também é importante e faz parte do letramento literário.

Quanto à contextualização, com base em Cosson (2020), destacamos a contextualização de texto e contexto, da forma e do conteúdo. Na contextualização for-

ma-conteúdo, pode-se conduzir alunas e alunos tanto a adentrarem as estruturas formais e a linguagem, quanto a contextualização do conteúdo, explorando as ideias sustentadas pelo texto. Em relação ao cordel “A morte de Nanã”, de Assaré, pode-se levantar as seguintes temáticas: questões de relação de poder, de desumanidade, de injustiça social, de desigualdade, entre outros temas (e subtemas). Já na contextualização da estrutura formal, pode-se evidenciar a composição poética, o ritmo, as rimas, as sonoridades, os versos, as sílabas poéticas, as estrofes, a linguagem etc.

Expansão e avaliação: ponto de partida para novas leituras

A literatura de cordel favorece a divulgação e a propagação de diferentes contextos culturais. A riqueza dessa poesia, enquanto artefato cultural, é imensa, uma vez que contribui para a manutenção da identidade local e da preservação das tradições literárias. Ao selecionarmos um cordel que retrata temas nordestinos, oferecemos aos jovens estudantes possibilidades de explorar pontos de vistas que podem ser inovadores.

Para a etapa de expansão, sugere-se que se proponha, no ato da leitura, relações com outras obras que contribuam para a abertura de novos hori-

zontes. O docente poderá por exemplo, indicar (ou ler com a turma), o poema dramático “Morte e vida Severina” (1955), de João Cabral de Melo Neto, que é uma obra canônica da literatura brasileira, e que também descreve o tema da seca no sertão nordestino. Outra obra que pode ser indicada (ou lida com a turma), é o romance de Graciliano Ramos “Vidas Secas” (1938), livro que retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. São diversas as possibilidades de expandir a leitura do cordel “A morte de Nanã”, de Assaré, fazendo conexões com outras obras (literárias ou não), mas cabe compreender que a mediação na hora das leituras pode potencializar as dinâmicas leitoras.

Concluindo a Oficina Literária, é indiscutível a necessidade de avaliação das atividades pedagógicas realizadas. Nesse momento, alunas e alunos poderão expor os pontos fortes e fracos de cada etapa, elencando aquilo que julgam indispensável na construção/formação do leitor literário, reforçando as habilidades desenvolvidas e suas posições quanto a relação de contato/convívio com a literatura de cordel.

A avaliação da aprendizagem permite refletir sobre o que foi possível assimilar do processo de leitura e do letramento literário. Lembremos que a construção lei-

tora é um processo contínuo e dependerá muito do empenho, mas, também, do amadurecimento da leitora e do leitor. E a escola pode favorecer de modo bastante significativo, para o aprimoramento do letramento literário.

Além disso, o processo de avaliação deve ocorrer em cada etapa da Oficina Literária, a fim de proporcionar autoanálises de caminhos metodológicos adotados, como também, aferir e acompanhar o envolvimento de alunas e alunos. Dessa maneira, cria-se espaços e/ou pontes dialógicas para mudanças de estratégias pedagógicas. Sabemos que cada aluna e aluno tem o seu tempo para aprender, seu ritmo. Por isso, o acompanhamento avaliativo pode contribuir para que realmente haja uma efetiva inclusão no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que esse processo se enriquece quando passa a ser uma construção coletiva.

Considerações finais

A leitura literária abre espaço para desencadear diferentes reflexões sobre a vida, sobre o mundo. Na década de oitenta, Paulo Freire (1989) já defendia que: “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim, mundo, palavra e literatura são instâncias que se entrelaçam na sociedade. São inúmeras as possibilidades com o texto de literatura, na escola e fora dela.

À vista disso, a literatura de cordel, oportuniza múltiplos diálogos e contatos com diferentes temáticas e culturas. Neste texto apresentamos estratégias para escolarizar a poesia, por meio de uma Oficina Literária, na qual as sequências didáticas baseadas em Cosson (2006 [2020]) implicam diferentes engajamentos pedagógicos voltados à uma efetivação do letramento literário.

Esta prática da leitura literária em sala de aula ajuda na construção/formação leitora de alunas e alunos, sendo essa uma construção contínua e exigente. A concepção da leitura literária como prática social precisa ser reforçada na escola, uma vez que, no contato com o texto, as/os estudantes realizam um processo de interação com o outro e consigo mesmo.

A literatura gravita em torno de um universo estético e sociocultural complexo e rico. Nesse sentido, o texto de literatura é um modo de aproximação mais profundo com o mundo, que pode abrir as portas para uma postura mais crítica e sensível das realidades circundantes. Por isso, a escola precisa oferecer diferentes perspectivas literárias, pois existe uma pluralidade de produções e de gêneros textuais, que podem proporcionar aos estudantes a oportunidade de viverem diferentes experiências estéticas, poéticas e humanas.

Sendo assim, a poesia cordeliana não pode ser esquecida na escola, pois traz o que

[...] há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais, assim como têm resistido ao rolo compressor da cultura de massa (MARINHO E PINHEIRO 2012, p. 128).

Dessa maneira, como apontam os autores supracitados, a literatura de cordel vem “resistindo” e/ou adaptando-se às “novas” mídias ou a diferentes contextos socioculturais e a escola precisa atentar-se para tal fato.

Por isso, é necessário favorecer a alunas e alunos o contato com folhetos de cordéis impressos, com as xilogravuras e/ou com as ilustrações que possam vir a habitar as suas páginas, sendo que esse acesso é um modo de concretizar aquilo que Candido (2017) defende como “o direito à literatura”. Todo este contato com a literatura proporcionará aos estudantes vivenciar novas experiências e adquirir novos saberes.

Por fim, a proposta deste trabalho, que visa a uma possibilidade de escolarizar a poesia no Ensino Médio, também aponta que a escola tem a responsabilidade de propor estratégias significativas e diferenciadas que realmente possam levar em conta o texto literário em sala de aula, uma vez que, como defende Candido (1988 [2017])

Uma sociedade justa pressupõe o respeito humano, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

A proposal for the schooling of poetry in highschool from the cordel “A morte de Nanã” by Patativa do Assaré

Abstract

The following work aims to present a proposal from the Literary Workshop based on an expanded didactical sequence (Cosson, 2014 [2020], which looks to improve the reading process and the poetry schooling in high school. As the corpus of this work, we selected the cordel “A morte de Nanã” by Patativa do Assaré. Methodologically, it is a qualitative and bibliographic inquiry. As a theoretical approach we used the following authors: Candido (1988 [2017]), Cosson (2014 [2020]), Zumthor (1997), Lajolo (1982), Vitor Manoel de Aguiar and Silva (2007), Compagnon (2009), Rouxel (2012), Ferreira (1993), Hall (2006), Zilberman (2003), Foucambert (1994), Soares (2006), Alves (2008), Pinheiro (2008), Marinho and Pinheiro (2012). We also used some ideas of Franco and Testa (2017), Alves and Testa (2019), Feitosa (2001), Brandão (2009), Rojo (2004), and some others. We point out as the results that the perspective of providing some experiences with poem texts in the classroom could help to develop some reading competencies and it still conduces to the effectiveness of literary literacy. Furthermore, Assaré poem could give the opportunity to symbolic, social, and psychic comprehension of cordel literature and also brings to light knowing the northeastern culture from different perspectives.

Keywords: Poetry Schooling; Cordel Literature; A morte de Nanã. Patativa do Assaré; Literary Workshop in High School.

Nota

- ¹ Termo utilizado Vítor Manuel de Aguiar e Silva (cf. *Teoria da Literatura*, 8.a ed., Coimbra, 1988, pp. 116-118) para enfatizar que a literatura popular se aproxima dos conceitos de literatura oral, literatura tradicional e até de romanceiro por ser composta para o povo, ou criada pelo próprio povo.

Referências

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Livraria Almedina: Coimbra, 1988.
- ALVES, José Helder Pinheiro. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. In: **Boitatá Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. N. 05, jan./jul. de 2008.
- ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**: Tadeu Feitosa (Org.). São Paulo: Escrituras Editora, 2001, p. 324.
- _____. “A morte de Nanã”. Disponível em <<http://preciosidadesliterarias.blogspot.com/2015/07/a-morte-de-nana-patativa-do-assare.html>> Acesso em: em 11 de dez. 2019.
- BRANDÃO, Maria do Socorro de Oliveira. A morte de Nanã” no canto de patativa. In: **Letras em Revista** [en linea]. 2009, 2(13), [fecha de Consulta 18 de Diciembre de 2020] Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451679004>
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 6.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FRANCO, Isaquia dos Santos Barros; TESTA, Eliane Cristina. Escolarização da poesia no Ensino Médio. 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/31032>>. Acesso em 12 de dez. 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FERREIRA, JERUSA PIRES. **Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- MARINHO, Ana Cristina.; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo: Cortex, 2012.
- MELO, Márcio Araújo de; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. O leitor atrapalhado e a formação docente. 2018. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/493/514>>. Acesso em 12 de dez. 2019.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: **Leitura em Crise na Escola as Alternativas do Professor**. Regina Zilberman (Org.), Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba. Aymará. 2009.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Linguagens Códigos e suas tecnologias. In: **MEC/SEB/Departamento de políticas do Ensino Médio, Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília: 2004.
- ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Trad. de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, jan./abr., p. 277-283, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. ZILBERMAN, Regina. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SILVINO, Flávia Felipe. **Letramento Visual**. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/article/view/2116/2714>>. Acesso em 11 de dez. 2019.

SOARES, M. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy (Org.). **A Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUSA, Leomar Alves de; TESTA, Eliane Cristina. **Manifestações de Racismo e de Preconceito no Cordel Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, de Firmino Teixeira do Amaral: Análise de uma Sequência Básica de Leitura**. 2018. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2916>>. Acesso em 18 de dez. 2020.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.